

São Paulo, 01 de junho de 2007.

NOTA À IMPRENSA

Custo da cesta básica cai em 16 capitais

Todas as 16 capitais onde o DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - realiza, mensalmente, a Pesquisa Nacional da Cesta Básica registraram, em maio, queda no preço dos gêneros alimentícios essenciais. As retrações mais expressivas ocorreram em localidades do Nordeste: Salvador (-9,74%), Recife (-8,17%) e Fortaleza (-7,50%). A menor redução, porém, também foi apurada em cidade nordestina: João Pessoa (-0,84%).

Apesar do recuo de 3,10%, em maio, Porto Alegre continuou a ser a capital onde o conjunto de produtos alimentícios de primeira necessidade teve o maior custo: R\$ 192,91. São Paulo (R\$ 184,93) e Rio de Janeiro (R\$ 175,33) mantiveram-se como as localidades com o segundo e terceiro maior valor para a cesta básica. As duas cidades que apresentaram as quedas mais expressivas, por sua vez, estão também entre aquelas onde a cesta teve menor custo: Recife (R\$ 134,17) e Salvador (R\$ 135,71).

Com base no custo apurado para a cesta, em Porto Alegre e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deveria ser suficiente para cobrir as despesas de um trabalhador e sua família com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima que o salário mínimo necessário deveria ser, em maio, de **R\$ 1.620,64**, 4,26 vezes o mínimo em vigor, de R\$ 380,00. Em abril, este mínimo deveria corresponder a R\$ 1.672,56, ou 4,40 vezes o piso nacional.

Variações acumuladas

Entre janeiro e maio deste ano, três cidades registraram variação negativa no custo da cesta básica: Brasília (-2,65%), Belo Horizonte (-2,33%) e Florianópolis (-0,34%). Fortaleza (5,17%) e Belém (4,79%) acumularam as maiores altas no período.

Em 12 meses – de junho de 2006 a maio último – três capitais do Nordeste registraram variação acumulada negativa: Recife (-11,16%), Salvador (-7,72%) e João Pessoa (-4,69%). Porto Alegre, porém, apresentou o maior aumento no período (11,21%), bem acima do verificado na localidade com a segunda maior alta, Belém (5,44%), o que permite justificar a continuidade da capital gaúcha como a cidade que tem o maior custo para a cesta básica.

TABELA
Pesquisa Nacional da Cesta Básica
Custo e variação da cesta básica em dezesseis capitais
Brasil – Maio 2007

Capital	Variação Mensal (%)	Valor da Cesta (R\$)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de Trabalho	Variação no ano (%)	Variação Anual (%)
João Pessoa	-0,84	139,19	39,66	80h 35min	3,97	-4,69
Curitiba	-1,38	169,66	48,35	98h 13min	1,00	2,12
Goiânia	-1,59	154,07	43,90	89h 12min	1,07	2,35
São Paulo	-2,05	184,93	52,70	107h 04min	1,58	3,32
Natal	-2,56	145,39	41,43	84h 10min	3,32	0,30
Porto Alegre	-3,10	192,91	54,97	111h 41min	3,59	11,21
Rio de Janeiro	-3,25	175,33	49,96	101h 30min	2,30	3,79
Belém	-3,37	164,69	46,93	95h 21min	4,79	5,44
Florianópolis	-4,28	168,02	47,88	97h 16min	-0,34	2,37
Belo Horizonte	-4,79	167,50	47,73	96h 58min	-2,33	1,31
Vitória	-5,10	162,76	46,38	94h 14min	2,90	-0,37
Aracaju	-5,29	142,49	40,60	82h 30min	3,55	2,95
Brasília	-5,92	167,29	47,67	96h 51min	-2,65	0,11
Fortaleza	-7,50	139,79	39,83	80h 56min	5,17	4,50
Recife	-8,17	134,17	38,23	77h 41min	1,54	-11,16
Salvador	-9,74	135,71	38,67	78h 34min	0,67	-7,72

Fonte: DIEESE

Jornada de trabalho

Com a redução do custo da cesta básica em todas as capitais, em maio, reduziu-se também o tempo médio de trabalho necessário, no conjunto das cidades pesquisadas, para que uma pessoa, remunerada pelo salário mínimo, pudesse adquirir os bens alimentícios essenciais. Assim, se em abril, este trabalhador precisava cumprir uma jornada de 96 horas

e 07 minutos, em maio passou a necessitar de 92 horas e 03 minutos. Em maio de 2006, o tempo de trabalho exigido para a mesma compra era maior, e chegava a 98 horas e 49 minutos.

Quando se considera o percentual do salário mínimo líquido - após o desconto da parcela referente à Previdência Social – comprometido com a aquisição, verifica-se que em maio 45,31% do mínimo era empregado na compra dos mesmos itens que, no mês anterior, exigiam 47,31%. Em maio do ano passado eram necessários 48,64%.

Comportamento dos preços

Apesar de boa parte dos produtos cujos preços são acompanhados pelo DIEESE terem registrado retração na maioria das capitais, o tomate foi o único a ter queda em todas as 16 localidades. Apenas em João Pessoa (-4,79%) e Belém (-8,33%) a redução do preço do produto ficou abaixo de 10,0%. As retrações mais significativas ocorreram em Recife (-48,99%) e Vitória (-44,08%). Condições climáticas mais favoráveis à cultura do tomate que vêm se verificando desde final de março permitiram a redução nos preços. No entanto, a forte massa de ar polar, que favorece a ocorrência de geadas, pode prejudicar o desenvolvimento dos tomateiros e provocar novas altas no preço.

O preço da banana caiu em 13 capitais, com destaque para Belo Horizonte (-19,81%), Salvador (-10,45%) e Porto Alegre (-8,87%). Houve estabilidade no Rio de Janeiro e alta em Natal (1,33%) e Recife (9,19%). A possibilidade de registro de geadas no Sul do país e nas regiões produtoras do estado de São Paulo podem afetar a produção, ocasionando menor oferta e conseqüente aumento de preço.

Arroz, pão, café e óleo de soja tiveram redução em 10 capitais.

No caso do arroz, as maiores retrações ocorreram em Curitiba (-5,41%), Salvador (-5,10%) e Rio de Janeiro (-4,92%). O preço se manteve estável em São Paulo e subiu em outras cinco localidades, em especial em Fortaleza (5,39%) e Aracaju (4,63%).

As reduções no pão foram, em geral, pequenas. Apenas em Belo Horizonte o movimento foi mais significativo, com recuo de 4,26%. Em São Paulo a variação foi nula e a principal alta ocorreu em Natal (4,28%). O país importa mais da metade do trigo

consumido no mercado interno e a queda do valor do dólar frente ao real favorece a importação, permitindo a redução no preço de seus derivados.

As retrações no preço do café foram maiores em Florianópolis (-6,78%), Belo Horizonte (-4,94%), Brasília (-4,87%) e Aracaju (-4,50%). Em João Pessoa houve estabilidade e o preço aumentou em cinco capitais, com destaque para Goiânia (2,05%) e Salvador (3,19%). Forte seca no verão e chuva em excesso na época da colheita prejudicaram o café em regiões produtoras de Minas Gerais, provocando maturação desigual e perda da qualidade.

O óleo de soja teve redução mais acentuada em Salvador (-5,99%), Fortaleza (-4,95%) e Florianópolis (-4,37%). A variação foi nula em São Paulo e Curitiba e houve pequenas variações em quatro capitais.

Produto de maior peso na cesta básica, o preço da carne caiu em nove capitais, em especial em Brasília (-6,17%) e Fortaleza (-4,90%). Das sete cidades onde houve alta, os destaques foram Belo Horizonte (6,47%) e Curitiba (5,49%). O forte frio prejudicou as pastagens e para evitar perda de peso, os produtores aumentam a oferta para abate, o que reduziu o preço.

Feijão e leite foram os produtos que apresentaram alta em maior número de capitais: nove. O feijão teve as principais elevações verificadas em São Paulo (4,94%), Aracaju (3,41%) e Recife (3,39%) e as retrações mais significativas ocorreram em Florianópolis (-11,58%) e Brasília (-8,18%). Já o leite, que está entrando em período de entressafra, ficou mais caro, principalmente, em Curitiba (7,63%), Brasília (2,84%) e Florianópolis (2,64%). Houve estabilidade em Natal e, dentre as seis cidades onde os preços caíram apenas em Salvador (-2,08%) a queda foi mais significativa.

Dentre os produtos com alta, merece destaque ainda a batata, cujo preço é acompanhado apenas nas nove capitais do Centro-Sul do país e que registrou alta em oito, as mais expressivas em Goiânia (42,17%), Rio de Janeiro (18,60%) e Curitiba (18,06%). Em Porto Alegre o preço não se alterou.

Variações em 12 meses

Ao contrário do que ocorreu com a variação mensal, em 12 meses a maior parte dos produtos pesquisados subiu na maioria das localidades. No caso do pão, café e óleo de soja, os aumentos foram apurados em todas as capitais.

As maiores altas do pão foram verificadas em Goiânia (12,82%), Brasília (10,41%) e Natal (9,81%). Já com relação ao café, os aumentos mais expressivos ocorreram em Natal (25,24%), Curitiba (21,36%), São Paulo (21,21%), Vitória (20,82%) e Fortaleza (20,71%). Estoques baixos têm pressionado a cotação do café. Finalmente, o óleo de soja tem seu preço norteado pela variação da soja em grão que, apesar da valorização do real, tem forte demanda no mercado internacional. Assim, o preço do óleo subiu acima de 10% em 14 capitais, com destaque para Belém (24,21%), Fortaleza (24,12%) e João Pessoa (21,61%).

A carne teve aumento anual em 15 capitais, com a única retração verificada no Rio de Janeiro (-1,70%). As taxas mais elevadas apareceram em Porto Alegre (18,21%), Aracaju (12,22%), Vitória (11,82%) e São Paulo (9,75%). Os elevados patamares do preço da carne decorrem da demanda mundial, uma vez que o Brasil é grande exportador do produto. É interessante observar que, há um ano, havia restrição à importação da carne brasileira por parte de vários países.

Apenas feijão, açúcar e tomate tiveram predominância de redução em seus preços na comparação anual. No caso do feijão, a queda ocorreu em 16 capitais, com variações entre -19,31%, em Fortaleza e -33,69%, em Brasília. Quanto ao açúcar, apenas em Fortaleza o preço subiu (12,31%), enquanto as retrações situaram-se entre -3,60%, em Aracaju e -28,02%, em Recife. Com relação ao tomate, os recuos, em 12 meses, foram verificados em 10 cidades, em especial em Recife (-53,24%), Vitória (-37,23%) e Belo Horizonte (-25,14%). Dentre as altas, os destaques foram Porto Alegre (35,59%), Rio de Janeiro (20,99%) e Belém (20,17%).

São Paulo

A cesta básica do paulistano custou em maio, R\$ 184,93, 2,05% a menos que em abril, quando seu preço correspondia a R\$ 188,80. De janeiro a maio, os produtos

essenciais tiveram alta de 1,58%, em São Paulo, enquanto em 12 meses a variação acumulada chega a 3,32%.

Tomate – com queda de 24,56% - banana nanica (recoo de 5,94%) e farinha de trigo (-0,40%) foram os três itens que determinaram a redução no custo da cesta. Houve estabilidade para arroz agulhinha tipo 2, pão francês e óleo de soja. Outros sete produtos registraram elevações: batata (9,94%), manteiga (5,78%), feijão cariocinha (4,94%), açúcar refinado (2,90%), carne bovina de primeira (1,67%), leite *in natura* tipo C (0,71%) e café em pó (0,26%).

Na comparação com maio de 2006, quatro produtos tiveram redução: feijão (-19,55%), açúcar (-15,48%), tomate (-3,15%) e banana (-1,04%). Aumentos foram apurados em café (21,21%), batata (16,05%), arroz (15,83%), farinha de trigo (13,76%), óleo de soja (11,73%), carne (9,75%), manteiga (5,87%), leite (4,14%) e pão (1,02%).

Para adquirir os produtos essenciais, o trabalhador paulistano remunerado pelo salário mínimo precisou cumprir, em maio, uma jornada de 107 horas e 04 minutos, pouco mais que duas horas a menos que o tempo exigido em abril (109 horas e 18 minutos). Em maio de 2006, era necessária uma jornada de 112 horas e 30 minutos.

Na comparação entre o custo da cesta e o valor do salário mínimo líquido (após desconto da parcela da Previdência), também se verifica a mesma correlação. Em maio a compra exigia 52,70% do valor recebido, enquanto em abril o comprometimento correspondia a 53,80% e em maio do ano passado chegava a 55,38%.